ANO I — PORTO, OUTUBRO DE 1920 — N.º 1

Portugal Evangelico

PROPRIEDADE DA IGREJA EVANGÉLICA METODISTA PORTUGUESA

DIRECTOR—ALFREDO H. DA SILVA
REDACTOR—JOSÉ A. FERNANDES
(PARA QUEM DEVE SER DIRIGIDA TODA A CORRESPONDÊNCIA)
EDITOR—AVELINO E. DE LIMA
SECRETARIO DA REDACÇÃO—ANTONIO TAVARES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
PRAÇA DO CORONEL PACHECO—PORTO
TELEFÓNE, 1624 — Enderêço telegráfico—DASILVA—PORTO
Composto e impresso na TIPOGRAFÍA MENDONÇA—Rua da Picaria, 30—PORTO

AOS NOSSOS COLÉGAS

O Portugal Evangélico, ao tomar o logar humilde que lhe compete nas fileiras da imprensa evangélica, saúda todos os seus colegas—particularmente os de Portugal e Brasil—e escusado será dizer que com todos deseja permutar e manter as mais francas e fraternais relações de amizade.

Portugal Evangélico

Não podia ser mais acertada a escolha do título para o órgão da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa.

Há perto de meio século que esta Igreja se estabeleceu no nosso país, e a sua missão, pela prègação do puro Evangelho de Jesus Cristo, pelas suas escolas onde se téem educado tantos milhares de cidadãos, pela sua propaganda moral e cívica, pelas diferentes obras que tem estabelecido e auxiliado, não tem tido outra aspiração senão a de concorrer para a felicidade e progresso de Portugal, o que vale o mesmo que dizer para a realização dum Portugal Evangélico.

O ideal ainda está longe da sua realização completa. O tremendo cataclismo que durante mais de quatro anos caíu sôbre o mundo, e que em todos os países produziu a desorganização e o mal-estar, caíu tambem sôbre o nosso.

Só no verbo eterno de Cristo podemos encontrar o fundamento da verdade e da justiça que acaba com as lutas entre as diferentes classes da sociedade, ensinando a cada um os seus direitos, mas tambem os seus deveres; só nessas páginas sublimes é que podemos descobrir a vontade firme e a coragem alegre do trabalho, o meio que todos preconizam para o mundo saír das ruinas em que caíu.

Proclamar estas verdades, anunciar este remédio seguro e eficaz, que conhecemos por gloriosa experiência, pareceu-nos um dever cristão e patriótico. Para o cumprir é que encetamos a campanha especial de que este jornal faz parte, e que tem por fim promover a regeneração da Pátria e criar um Portugal novo, progressivo e tolerante, instruido e trabalhador, generoso e bom, que honre o nome glorioso do Portugal antigo e que acompanhe de perto as demais nações na reconstrução dum mundo melhor.

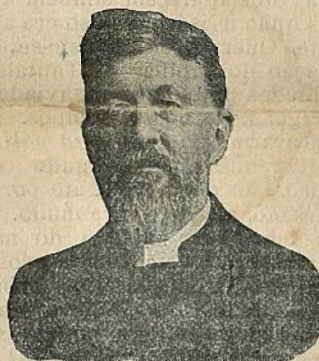
Para dizer tudo numa palavra: A nossa missão é evangelizar Portugal porque o nosso ideal é Portugal Evangélico.

Contamos com o favor certo de Deus, com a colaboração de todos os que estão empenhados na mesma missão e com a simpatia de todos os bons patriotas.

Alfredo da Silva.

*

Rev. Roberto H. Moreton

A Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, ao iniciar a publicação do *Portugal Evangélico* como seu porta-voz na imprensa jornalística, não o pode fazer

Rev. Roberto H. Moreton

Pastor e Superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguêsa durante 40 anos
Falecido em 14 de Março de 1917.
Homenagem do *Portugal Evangélico* à memória do saudoso pioneiro do Evangelho no nosso país

sem prestar modesta mas muito sincera homenagem à memória do sempre saudoso Rev. Moreton, que durante 44 anos presidiu aos seus destinos como Superintendente e abençoado Pastor.

E essa homenagem prestámo-la publicando-lhe o retrato neste presente número e reproduzindo abaixo as palavras que o redactor do *Portugal Evangélico* escrevera, quando as lágrimas da saudade iam ainda mal enxutas, e que vieram publicadas no «Jovem Luso» de Maio de 1917:

«Entrou no seu descanço em 14 de Março último, após quasi meio século de santa e abençoada peleja em nossa pátria, o Rev. Roberto H. Moreton, ministro e primeiro superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, desaparecendo assim de entre nós uma figura nobilíssima e inconfundível do pastorado evangélico em Portugal.

Não é para mim traçar a biografia do bondoso e inolvidável mestre, de cujo talento e vastíssimo saber todos nós havemos aprendido. Outros, com mais competência, certamente o farão. Desejo apenas nesta singela homenagem ao amigo querido, notar, em breves linhas, o que mais particularmente me impressionava nesse servo de Deus, que ficará na história da evangegelização da nossa pátria como um dos pioneiros mais ilustres e prestigiosos.

Qualquer podia facilmente descobrir que—*fidelidade ao Senhor!* devia ter sido o moto de toda a vida do Rev. Moreton, e isto desde o recato íntimo do lar até às mais públicas manifestações da sua actividade cristã.

E então era vêr o gôso, o entusiasmo com que falava dos crentes e dos obreiros, não importava de que denominação, nos quais descobrisse esta qualidade mais que todas preciosa: *Fieis ao Senhor!* Eram almas gémeas da sua que êle havia encontrado!

Mas, fiel como era ao Deus da Verdade, com que poder e ao mesmo tempo com que aprumo e nobresa combatia os mensageiros do êrro! Acusando êstes, com tal espírito de justiça o fazia, que a impressão deixada era, não a de um libelo, mas antes a de uma sentença condenatória proferida por um juiz sereno e incorrutível. E o enorme prestígio que daqui lhe provinha era o prestígio do Evangelho com o qual estava indentificado.

O equilíbrio do seu ensino — chamemos-lhe assim, — era outra feição especial do saudoso amigo e mestre. Prègando no púlpito, instruindo em conferências, ensinando no seu gabinete, palestrando num círculo de amigos ou em simples conversas e encontros casuais, invariávelmente a nossa alma, o nosso coração, o nosso cérebro eram por igual alimentados. Após um culto por êle dirigido, era certíssimo virmos todos para casa com a alma consolada, a mente satisfeita e o coração emocionado. E, quem sabe? talvez fôsse por esta feição singular que, há muitos anos, alguem me afirmára ter ouvido na América do Norte grandes celebridades evangélicas, mas que nunca havia encontrado quem, na exposição das Escrituras, se elevasse até onde o Rev. Moreton se elevava.

O seu ardente desejo de *colaborar em tudo que representasse altruismo,* era igualmente um dos seus caracteres distintivos.

Daqui resultou terem tido nêle as Uniões Cristãs da Mocidade um amigo valioso, leal e perseverante como os que mais o são. As Uniões do Porto, dum e doutro sexo, devem-lhe imenso, e justíssimas serão todas as homenagens que à sua memória querida lhe prestarem. A União Central, particularmente, contraiu para com êle uma divida de gratidão que nunca poderá saldar. Para mais, o exemplo do sábio obreiro frutificou maravilhosamente no seio da família. Seus filhos aqui se téem evidenciado no trabalho bemdito a favor da Mocidade: Roberto Moreton, presidente da União de Lisboa; Frank Moreton, vice-presidente da Central do Porto; D. Edith Simpson, por muitos anos presidente da União de Massarelos, ainda agora, lá na Inglaterra, é como que a inspiração dêste perseverante núcleo do Porto.

O que tudo isto tem representado em bençãos, assim para a família de fé como para a nossa pátria não é fácil descrevê-lo mas podêmo-lo imaginar.

Sim, o Senhor abençoou-nos grandemente, havendo-nos concedido, por tantos anos, um servo seu tão fiel, que ainda há pouco escrevia estas palavras dum lindo hino que legou à família evangélica:

Quero o Salvador comigo, dia a dia em meu viver,
Pela luz e entre as trevas, no conflito e no prazer.

Confiado no Senhor, consolado em seu amor,
Seguirei o meu caminho, sem tristeza e sem temor.

E galardoou tambem, já aqui neste mundo, a sua fidelidade, dando-lhe o gôso supremo de ver os seus queridos seguirem no sulco luminoso que lhes deixou.

O Senhor seja louvado!»

J. A. Fernandes.

*

Campanha Evangélica

Cada vez se torna mais flagrante a verdade, há muitos anos proclamada por Laveleye, no seu opúsculo *O Futuro dos Povos Católicos*, de que nos países onde Roma domina dominam tambem a igno-

rância, a superstição e a desordem. Pelo contrário, as nações que téem como base o cristianismo puro dos Evangelhos são, sem uma excepção única, não só as nações mais adiantadas, mas de ordem e de progresso firme, sem avanços impulsivos nem recuos súbitos, que é o que em toda a parte caracteriza os povos católicos. E, no meio da anarquia mundial reinante, são ainda as nações protestantes as únicas que sabem o que querem.

E' que o Evangelho continua a ser, como diz S. Paulo, o Poder de Deus para a salvação de todos os indivíduos e, por conseguinte, das nações. E a nossa Pátria, talvez mais que nenhuma outra da Europa, está necessitada dêsse Poder e dessa Salvação.

E somos nós que lho temos de levar, nós os crentes de todas as denominações, num esfôrço fraternal e unido.

A nossa Igreja, sentindo bem a sua responsabilidade, tem realizado assembleias gerais, onde, de colabaração com a respectiva Junta, se téem estudado planos para uma campanha durante o ano, e que estamos certos o Senhor vai abençoar grandemente. Já começou mesmo a abençoar, pois nessas reuniões gerais, que téem sido de oração, umas vinte e sete pessoas se decidiram já por Cristo.

Para fazer face às despesas que esta campanha vai sem dúvida acarretar — e da qual faz parte a publicação mensal do *Portugal Evangélico* — há já os seguintes compromissos voluntários de contribuição mensal para 12 meses e que resgistamos com muita alegria:

Manoel Correia da Silva e esposa	11$00
Joaquim, Isolina, Dolores e Alberto Correia da Silva	$40
D. Preciosa de Sousa	5$00
D. Faustina Alves	1$00
Francisco Rodrigues Costa	10$00
Família, idem	1$90
Viriato Bastos	10$00
Evaristo Rodrigues	10$00
Lúcia Conceição Martins	1$00
José Pereira.	1$00
Francisco Guedes da Silva	2$00
Fernando de Castro Maia.	1$00
Avelino Soares de Pinho	3$00
D. Armandina L. da Conceição	$50
D. Noenia Pinto Pereira	$50
D. Tereza Pinto da Conceição	$50
D. Diamantina Pinto da Conceição . . .	2$50
Lutero H. da Silva.	2$50
Luiz Henrique da Silva	5$00
D. Laura Maria Pupin.	5$00
D. Adelaide da Silva Veiga	1$00
Alberto de Sousa Machado	1$00
Albino Andrade Melo.	10$00
D. Maria Judith de Andrade Melo . . .	1$00
D. Haydée F. de Andrade Melo. . . .	1$00
D. Albertina F. de Andrade Melo . . .	1$00
Herbert Cassels	10$00
Aurélio D. de Araujo	2$50
J. A. Fernandes e esposa	5$00
José de Castro Fernandes	1$00
D. Cacilda Alves Santoalha	2$00
Joaquim Martins da Silva.	$50
Agathe Sotkann ó Kricken	$50
António Lopes dos Santos Júnior . . .	2$50
Augusto José de Freitas	1$50
D. Rosa Maria de Lima	5$00
D. Elvira Cândida Duarte Amaral . . .	2$00
D. Elisa Laura Duarte Amaral	2$00
João dos Santos	1$00
Bártolo do Vale Pereira	2$50

Contribuições para todo o ano:

D. Margarida Gonçalves	10$00
José Gonçalves Pereira	50$00
D. Maria Izabel Oliveira	12$00
Luiz Pinto de Almeida	12$00
Anónimo, sendo metade para as Escolas .	100$00
José Pereira da Silva	20$00
Henrique M. Wright	100$00
D. Aurora Botelho.	2$00
José Manoel Antunes	5$00
Horácio Anes Martins, sendo metade para as Escolas	40$00

Esta inscrição continua aberta.

PARA ONDE É QUE NÓS VAMOS?

Desde o sombrio dia 4 de Agosto de 1914, em que se começaram a erguer as primeiras nuvens de fumo, precursoras dessas labaredas infernais que, por cinco anos, abrazaram o mundo e cobriram ondas de sangue, até hoje, em que ninguem ainda sabe quando elas irão de todo extintas; neste relativamente curto espaço de tempo, a humanidade tem corrido tanto, sem dar conta por que caminhos nem em que direcções encontradas, que não só nos é impossível dizer *para onde é que vamos*, mas nem sequer podemos saber *onde já estamos*, ou *onde estaremos ainda!*

Se considerarmos o *problema económico mundial*, quem sonharia, há meia dúzia de anos, que êle havia de estar hoje na fase em que o encontramos?

E estará êle presentemente, mais próximo do que então, da sua solução racional e definitiva? Quem poderá responder com segurança?

Quando às classes chamadas humildes e médias, pelos aumentos sucessivos de salários, se lhes afigurava ver surgir no horisonte a realização do seu sonho de felicidade e bem estar material, logo os correspondentes e fatais aumentos no custo da vida aparecem tambem a mostrar-lhes quão irrisório e falso era aquele horisonte. Quer dizer: assiste-se à representação do suplício de Tântalo, das velhas idades mitológicas, ataviado com as roupagens dos nossos tempos.

Se encararmos o *problema político e social*, tão intimamente ligado com o económico, não o achamos, até por essa mesma razão, menos emaranhado.

Como em idade alguma do mundo jámais aconteceu, vemos em nossos dias esboroarem-se tronos aqui e além, erguendo-se dentre os seus escombros outros sistemas políticos nunca experimentados antes. Mas êstes mesmos, após breves dias, gastos e velhos como se sôbre êles tivessem soprado vendavais de muitos séculos, desabam tambem para darem logar a outras modalidades políticas, já eivadas, na origem, da mesma doença mortal.

A nossa amarga experiência diz-nos que eram decididamente maus aqueles sistemas antigos. Dir-nos-há ela que provaram absolutamente bons êstes modernos?

A liberdade, igualdade e fraternidade, essa trilogia que parece ter sido a conquista suma do século dezoito, verificam agora os sociólogos que, na realidade, nem destruiu a escravidão do homem ao homem, nem, por conseguinte, obstou a que a desigualdade no meio dêles prevalecesse e que, a despeito da decantada fraternidade, êles continuassem desunidos e mal avindos.

E tão profundamente se radicou nas grandes massas a convicção da inanidade desta chamada conquista da Revolução Francesa, que aqueles que hoje, lá fóra, se estão batendo por um novo estado de coisas, abertamente proclamam o predomínio exclusivo duma determinada classe sôbre todas as outras, o que certamente nos fará regressar àquele sistema de govêrno de que nos havia emancipado a Revolução que proclamou os Direitos do Homem, apenas com a diferença de que os opressores e escravos vão trocar entre si os seus antigos papeis.

Em presença dêstes factos, não é temeridade concluir que o homem sabe, por triste experiência, que o *passado era mau*; que o *presente* ainda *não é bom*; e, pelo caminho de franca regressão que as coisas vão tomando, que o *futuro* que se lhe prepara ainda *ficará muito àquem daquela felicidade que êle teima em procurar na terra.*

E, sendo assim, não surpreenderá que dentro em pouco os homens, convencidos da ineficácia das fórmulas que vêem de experimentar, se lancem em busca de outras que naturalmente terão um êxito semelhante ao que coroou as precedentes.

Mas será então que, com isto, queiramos dizer que é absolutamente impossível encontrar a felicidade colectiva na terra?

Se a experiência e o testemunho dos séculos valem alguma coisa, ninguêm poderia censurar que o afirmássemos; mas preferimos dizer que a humanidade só será verdadeiramente feliz no dia em que verdadeiramente o quiser, e que até aqui o não tem querido. A fórmula perfeita dessa felicidade existe na terra há muitos séculos; mas a humanidade, por feroz egoismo e em seu próprio detrimento, nenhum caso tem feito dela.

E quereis saber qual é?

Sem sustos e sem preconceitos, abri o Evangelho e lêde êste preceito que Jesus entregou ao mundo há dezanove séculos:

Tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o vós tambem a êles, porque esta é a Lei.

Transcrevei para as folhas da vossa carteira êste corpo de doutrinas comprimido num só artigo, e êste artigo formado de vinte e uma das mais simples palavras da nossa língua. Perguntai à vossa inteligência e à vossa consciência serena o que é que falta a essa fórmula de govêrno universal para ser idealmente perfeita; e, se nada lhe falta, porque é que os homens a não querem para governar vidas e nações?

Pois não se ajustam perfeitamente a ela êsses impulsos da alma humana, aquecida pela scentelha do amor infinito e eterno, quando leva o homem a dar sem hesitação a sua vida para salvar outras vidas em perigo? E não somos nós mesmos obrigados a confessar que são os registos dêsses actos gloriosos que tornam ainda assim suportável a história da humanidade, história que nunca deixou de ser uma série ininterrupta de lutas desumanas e truculentas?

Ide, em seguida, com essa fórmula ao Estadista, ao General, ao Jurisconsulto e ao Sociólogo. Apresentai-lha e repeti-lhes as preguntas que a vós mesmos já haveis formulado. E sem demora verificareis que a resposta é exactamente a mesma que a vossa consciência, serena e livre, já tinha dado: *Que tal fórmula seria a sepultura do egoismo*, o que quási equivale a dizer a sepultura da própria humanidade, porque parece averiguado que o egoismo é a mesma essência do homem.

Por outras palavras: O homem, que diz caminhar em busca da perfeita harmonia social, lutando contra todos os obstáculos que se lhe oponham, rejeita a fórmula única que tornaria realidade êsse estado feliz, porque entende que ela vai demasiado longe, pois lhe mata o seu egoismo.

E que se segue daqui?

Segue-se que a humanidade continuará, como já deixamos dito, a buscar novas fórmulas de perfeição social e a combater por elas, uma vez que o seu egoismo não padeça injúria, com este resultado infalível: Que quanto mais procura mudar para melhor mais se encontra no mesmo estado de sofrimento e miséria.

Que incongruência e que absurdo!

Mas não haverá algum modo de explicar uma tal aberração da inteligência humana?

Parece-nos que há.

É evidente que os sofrimentos do homem nêstes anos de guerra, pelos instrumentos diabólicos de que se serviu, atingiram culminâncias que a maldade reunida de todos os séculos passados jámais adivinhara. Veio a reacção. E de tal modo absorveu o homem, que este parece só por ela e para ela viver.

Bem sabemos que o processo pelo qual o homem reage, consistindo em procurar libertar-se da própria dôr afogando-a na dôr alheia, é processo brutal de féras em sertões; mas é êle bem explicável em quem as circunstâncias fizeram perder a consciência moral de si mesmo.

Crêmos ser isto o que torna compreensivel uma tal aberração do raciocínio humano.

Em todo o caso urge combater esta regressão ancestral ao homem da caverna. As circunstâncias não podem mudar a essência das coisas. O homem é um sêr moral com destinos bem diferentes daqueles que a si mesmo se está presentemente atribuindo: destruir seus irmãos para viver, fazê-los sofrer para gosar!

E quem nos vem ensinar ou relembrar isto é Aquêle mesmo que nos entregou a fórmula perfeita de vivermos felizes na terra, fórmula por êle próprio vivida e praticada e que lhe deu o direito de ser chamado *O Homem sem Egoismo*!

E' êle que, em palavras que merecem o vosso estudo meditado e profundo, desenvolve essa fórmula nos capítulos V, VI e VII do Evangelho escrito por seu discípulo e seu biógrafo, o publicano Mateus.

E' êle que, dizendo-nos essa verdade comesinha de que devemos trabalhar pelo pão de cada dia, nos diz tambem que há em nós, com destinos eternos, alguma coisa, que, por isso mesmo, vale mais que o mundo inteiro.

Que o homem foi dotado por Deus de um espírito imortal, facto que o mais grosseiro materialista não ousa hoje conscientemente negar.

Que, por conseguinte, a terra, bela como é, e feliz como ainda seja, não é a finalidade do homem, e que faz um mau negócio, um negocio estulto quem, ainda que por todas as riquezas dela, comprometa os seus destinos.

Que, onde quer que Deus nos tenha colocado, aí temos a cumprir uma obra que o glorifique, e isto quer dizer uma obra de amor, bondade e tolerância para com todos os homens, exactamente como Ele, que cumpriu a missão mais bela de amor, bondade, abnegação e salvação que a humanidade regista, glorificando deste modo o Pai, que para isso mesmo o enviara a êste mundo de pecado e por conseguinte de dôr.

Diz-nos, finalmente, à nossa consciência, por maneira muito certa e muito segura, não só

onde já ou ainda estamos

mas tambem

para onde vamos.

Avelelas, 28-9-20.

J. A. Fernandes.

✻

CARTEIRA INTIMA

Henrique M. Wright

Adoeceu, na Inglaterra, o nosso querido irmão e abençoado evangelista Snr. H. M. Wright, tendo adiado por esse motivo o seu regresso a Portugal.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

Baptismos

Receberam êste sacramento na nossa Igreja:

Em 5 de Setembro último, o pequenino Alfredo, filho dos nossos irmãos José Faria Gonçalves e D. Maria Fernandes Couto. Foram padrinhos António Ferreira da Vinha e D. Maria José Fernandes Faria.

⁘ Em 12 do mesmo, a menina Maria Eduarda, primogénita de nossos irmãos D. Evangelina Portela Dias e Eduardo Augusto Dias. Testemunharam como padrinhos o negociante Snr. Pedro José Ruela e sua filha Snr.ª D. Palmira Ruela Torres.

⁘ Em 10 do corrente, o menino Walter Franz Gustav Cudell, filho do engenheiro Snr. Carlos Roberto Cudell e de sua esposa D. Olga Ida Wilhelmina Burmester. Serviram de padrinhos e testemunhas D. Eugénia Cudell, representada por D. Maria Sousa Fürbringer, D. Marta Brücher, representada por D. Ana Helena Burmester, Gustavo Adolfo Burmester, Franz Ferdinand Burmester e Gerhard Burmester.

Casamentos

Tiveram logar:

No dia 1 de Julho o do Snr. José Ferreira Horta, com a Snr.ª D. Lucília Pinto de Almeida, filha mais nova do nosso irmão Snr. António Pinto de Almeida. Foram padrinhos os nossos irmãos Alexandre Pinto de Almeida e sua esposa D. Maria José de Almeida.

⁘ Em 9 de Agosto, o do Snr. Augusto de Sousa Mourão, com a Snr.ª D. Carmen Vieira, testemunhando o acto os nossos irmãos, Snr. J. P. da Conceição e esposa, Snr.ª D. Teresa Pinto da Conceição. Parabens!

Após bastante sofrimento, dormiu no Senhor em 12 de Setembro último, o nosso irmão e antigo negociante Snr. Jeronimo Pereira Dias, marido da nossa presada irmã D. Inacia Moreira Dias, cunhada do nosso Director e à qual reiteramos o sentimento do nosso pesar.

O funeral, dirigido pelo nosso Redactor, realizou-se no dia seguinte, no cemitério de Agramonte.

⁘ Está tambem de luto a nossa irmã D. Estefania Pimenta, pela perda dum seu filho, aos 21 anos, quando a vida sorri florida e cheia de doces encantamentos. Avaliamos, pois, a sua dôr e mais uma vez lhe afirmamos, bem como a seu marido e mais família, a expressão da nossa viva simpatia.

⁘ Após breves dias de doença, faleceu nesta cidade o Snr. Romeu José da Costa, empregado comercial e antigo aluno das nossas aulas diarias. Casado com a snr.ª D. Ilda Braga Costa, tambem nossa antiga aluna, tinha pelo Evangelho a mais viva simpatia, não esquecendo nunca as gloriosas verdades que na sua infância aprendeu.

O seu funeral, que teve logar no domingo, 10 do corrente, constituiu uma tocante manifestação de saudade, sendo o serviço religioso dirigido pelo nosso Director.

A sua esposa e demais família apresentamos os protestos da nossa simpatia cristã.

✻

Tres colunas do Evangelho

O nosso jornalzínho enceta a sua publicação já bastante depois de terem desaparecido do meio evangélico tres verdadeiras colunas da obra do Senhor nos países de língua portuguêsa. Ainda assim não queremos deixar de prestar a nossa homenagem a êstes tres verdadeiros herois da fé. Assim o exige o muito amor que lhes tínhamos e a profunda gratidão que lhes devemos.

Todos faleceram no Rio de Janeiro, na capital dêsse país nosso irmão, onde tantos portugueses têem chegado ao conhecimento do Evangelho de Jesus e o desejam vêr espalhado na sua Pátria.

O primeiro a entrar no descanso foi o venerando ancião **José Luís Fernandes Braga.** Natural de Braga, êle soube honrar a colónia portuguesa no Brasil, dotando-a com um dos seus principais estabelecimentos industriais. Amante enternecido da sua Pátria, êle queria vê-la na posse do Evangelho, e para isso trabalhou até morrer. Portugal deve-lhe a organização da Igreja Lisbonense, nossa irmã, e a Sociedade de Evangelização, que tão bons serviços vem prestando.

O segundo que Deus chamou a Si foi o obreiro inteligente e decidido da obra das Uniões Cristãs, **Myron Augusto Clark,** que depois de ter organizado e dirigido as Associações Cristãs de Moços no Brasil, consagrou alguns anos à construção do edifício e organização da Associação Cristã dos Estudantes de Coimbra. Portugal deve-lhe tambem, em grande parte, o êxito da obra do Triângulo Vermelho junto dos nossos soldados em França.

O último a deixar-nos foi o inolvidável **Domingos de Oliveira,** genro do primeiro e, como êle, empenhadíssimo na evangelização de Portugal, e companheiro do segundo, que morreu em sua casa. Era um caracter de eleição, que o fazia estimado de todos. A sua actividade era enorme. Morreu novo, mas nos seus poucos anos, que grande obra não deixou realizada e que grande exemplo!

Por ocasião da sua última visita a Portugal, em 1913, organizou com seu sogro e com o nosso Director uma viagem de evangelização a todas as cidades e principais povoações do norte de Portugal, cujos frutos foram incalculáveis.

A nossa Igreja e toda a obra evangélica portuguesa, e brasileira podemos dizer Portugal e Brasil, perderam tres bons amigos, tres obreiros fieis e dedicados. Mas ficaram tres bons exemplos, que servem para inspirar os novos e retemperar a energia dos velhos.

O *Portugal Evangélico* envia às famílias em luto a expressão das suas sinceras condolências, mas tambem o eco do cântico de triunfo pela vitória certa e segura que aqueles nossos queridos amigos já alcançaram pela fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

✻

PELAS NOSSAS ESCOLAS

AULAS DIÁRIAS-EXAMES

Foi o seguinte, o resultado nas nossas Escolas no ano lectivo findo:

Escolas do Mirante

Passaram para a 4.ª classe (antigo 1.º grau), 14 meninas e 21 meninos. Total, 35.

Passaram para a 5.ª classe (antigo 2.º grau) 4 meninas e 11 meninos. Total, 15.

Escolas de Lordelo

Passaram para a 4.ª classe, 5 meninas e 8 meninos. Total, 13.

Passaram para a 5.ª classe, 3 meninas e 9 meninos. Total, 12.

Escolas do Monte Pedral

Passaram para a 4.ª classe, 8 meninas e 8 meninos. Total, 16

Passaram para a 5.ª classe, 4 meninas e 2 meninos. Total, 6.

Totais nas tres Escolas:

Antigo 1.º grau, 64 crianças. Antigo 2.º grau, 33 crianças.

No próximo número daremos a lista nominal destas 97 crianças, o que hoje não podemos fazer por falta de espaço.

As aulas reabriram no dia 6 deste mês e a matrícula é permanente para as classes em que porventura houver vagas.

Durante o ano findo, passaram por estas tres escolas as seguintes crianças:

1.ª classe, 345; 2.ª classe, 153; 3.ª classe, 175; 4.ª classe, 97. Total, 770.

◉ ◉ ◉

AULAS DOMINICAIS-EXCURSÃO

Teve logar em 31 do passado Agosto esta tradicional excursão anual das nossas Aulas Dominicais.

Este ano, com o preço fabuloso que tudo atingiu, ela representou para nós um grande sacrifício. Mas acabou-se. O prometido é devido, e, por conseguinte, nada faltou às crianças, daquilo que costumavam ter, quando as uvas eram a 6 centavos e não a 80 como agora, e os rebuçados a 6 tostões em vez de 6 escudos. Mesmo com sacrifício, vale a pena dar um dia cheio de alegria e de saude às nossas queridas crianças.

Eram duas horas da tarde quando, na estação da Povoa, à Boavista, a máquina dá o silvo da partida e o comboio especial, com cerca de 300 crianças e convidados, se pôz em marcha e lá foge numa vozearia ensurdecedora, para os pinhais da beira-mar, junto da estrada de circunvalação. Dentro em pouco estava o belo pinhal, destinado ao recreio, demarcado pelos estandartes das respectivas escolas, com a bandeira nacional a flutuar no centro, estavam as rêdes e balouços pendentes dos pinheiros, jogos organizados e todas as crianças atarefadas em brincar o mais que podiam, não perdendo momento nenhum, porque já sabiam pela experiência dos mais anos, que, na tarde daquela festa, o sol e os relógios perece andarem mais depressa.

Em meio da festa ouve-se um toque e todos percebem que a merenda vai ser servida. Imediatamente a pequenada abandona os brinquêdos e forma quadrado, com as provisões ao centro, que são distribuidas por senhoras, com a maior ordem e rapidez.

Depois continuou a brincadeira, até que de novo aparece o comboio, levando os excursionistas a Leixões. Desembarcam, dão um belo passeio pelo molhe norte e voltam para o comboio, que a máquina está ali a resfolegar de impaciência!...

E, sem uma nota discordante, ao sol posto, estávamos todos de regresso na Boavista, bastante cançados os organizadores da excursão, mas bem contentes pela tarde feliz que proporcionaram às crianças mais assíduas das Aulas Dominicais do Mirante, Lordelo e Monte Pedral.

Graças a Deus!

*

São em número de 581 as crianças matriculadas nas nossas Aulas Dominicais do Mirante, Monte Pedral e Lordelo. A matrícula é permanente.

✻

Sociedade de Esfôrço Cristão do Pôrto

AULAS

Foi o seguinte, o resultado dos cursos nocturnos desta Sociedade, anexa à nossa Congregação do Monte Pedral, e que funcionaram com toda a regularidade, do princípio de Dezembro até ao fim de Junho último:

Instrução Primária:

Passagem para a 3.ª classe: — José Correia Pinto, António Pinto da Silva, Augusto de Campos Júnior, Rosa Assis de Souza Martins.

Passagem para a 4.ª classe: — Manuel Ribeiro Monteiro e Manuel Ferreira Júnior.

Passagem para a 5.ª classe: — Angelo Lobo e Adelino Augusto.

Francez, 1.º ano: — Bom aproveitamento: — Agostinho Sá Caldas, Alexandre P. da Silva, Afonso F. Costa, António dos Santos Júnior, Custódio Ferro, Felisberto J. Correia, Laurentino M. Costa e D. Maria Pereira Guedes.

Inglês, 1.º ano: — Muito bom aproveitamento: Agostinho Sá Caldas, João Fernandes Rodrigues e Laurentino M. Costa.

Bom aproveitamento: — Angelino F. Martins Barboza, António J. de Castro Junior, Felisberto J. Correia, D. Maria Pereira Guedes e D. Maria Adelina Gonçalves.

As matrículas para os cursos de 1920-1921, estão abertas de 15 a 30 deste mês na respectiva séde, à rua do Nogueira, das 10 da manhã às 3 da tarde, onde se dão todos os esclarecimentos.

PELO MUNDO EVANGÉLICO

Brasil:

As Igrejas Metodistas do Brasil, para comemorar o centenário da independência da sua pátria, resolveram levar cada crente a fazer o voto de durante um ano ensinar pelo menos cinco pessoas a ler, escrever e contar, para extinguir o cancro do analfabetismo. Não seria de utilidade fazermos o mesmo em Portugal?

✻

OBRA DA IGREJA METODISTA

CIRCUITO DO PORTO

Mirante.— *Praça do Coronel Pacheco.*— Cultos aos *Domingos*, às 11 e 19 horas; *Quintas-feiras*, às 20 horas. Aulas Dominicais, às 9.45. Cultos em língua inglêsa, no último *Domingo* de cada mês, às 17 horas. Cultos em língua francesa, no primeiro *Domingo* de cada trimestre, às 17 horas.

Lordêlo.— *Rua do Campo Alegre, 1564.* Cultos aos *Domingos*, às 19 horas; *Quartas*, às 20. Aulas dominicais, às 9. Reuniões do Esfôrço Cristão, aos *Sabados*, às 20 horas.

Monte-Pedral.— *R. do Nogueira.* Cultos aos *Domingos*, às 17.30; *Sextas-feiras*, às 20. Aula Dominical, às 15.30. Reunião da Classe e Esforço Cristão, *Quartas-feiras*, às 20 horas.

Foz.— *Rua do Montebelo, 120.*— Cultos no último *Domingo* de cada mês, às 17 horas.

Fábrica Graham, *à Boavista.*— Culto em língua inglesa, no 1.º e 3.º *Domingo* de cada mês, às 17 horas.

Aguada de Cima e **Frossos,** distrito de Aveiro, e **Paço do Botão,** distrito de Coimbra. Cultos todos os *Domingos*, pelos obreiros locais e visita mensal dos ministros da Igreja.

ADMISSÃO DE MEMBROS

Podem ser admitidos como membros desta Igreja as pessoas dum e doutro sexo que satisfizerem às seguintes condições:

1.º Ter frequentado os cultos o tempo necessário para alcançarem um conhecimento suficiente do Evangelho.

2.º Dar provas de arrependimento sincero, abandonando a prática do mal.

3.º Mostrar fé viva e sincera em Jesus Cristo como seu Salvador, e a resolução de o servir fielmente com o auxilio da graça divina.

A admissão formal e definitiva só tem logar depois de seis meses.

Outras informações podem ser fornecidas pelos ministros e directores das classes.

Espera-se dos assistentes aos cultos que contribuirão para o socego e proveito geral, chegando à hora marcada, evitando qualquer movimento ou conversa durante o culto e havendo-se com o respeito devido ao acto.

Portugal Evangélico

ASSINATURA ANUAL (PAGAMENTO ADIANTADO)

Portugal continental e ilhas adjcentes . . $60
Provincias Ultramarinas e Estrangeiro . . 1$00